



CAÇA ALIMENTAR E DE CONTROLE NO AGRESTE PARAIBANO: TÉCNICAS, ESPÉCIES EXPLORADAS E IMPLICAÇÕES CONSERVACIONISTAS

José Aécio Alves Barbosa

Veruska Asevedo Nobrega; Rômulo Romeu da Nóbrega Alves

Universidade Estadual da Paraíba, Av. das Baraúnas, 351, Campus Universitário Bodocongó, Campina Grande - PB, CEP 58429 - 500, Brasil. Departamento de Biologia. (aecio@windowslive.com)

INTRODUÇÃO

As diferentes formas de uso dos recursos faunísticos têm estimulado a caça de animais silvestres, uma prática que constitui uma das mais antigas atividades do ser humano em favor de sua sobrevivência. Embora a caça de animais selvagens seja considerada uma atividade ilegal (Lei Federal Nº 5.197, 1967), várias espécies continuam sendo abatidos em diversas regiões e biomas do Brasil. Apesar disso, pouca atenção tem sido dada a essa vertente de relação humana com a biodiversidade no país.

Lamentavelmente, algumas espécies animais estão ameaçadas de extinção devido a sua intensa pressão de caça e a degradação dos seus ambientes (IBAMA, 2003; MMA, 2004). Para o Bioma Caatinga, o número de estudos é escasso, embora a caça seja apontada como uma das principais ameaças à biodiversidade faunística da região (Leal *et al.*, 2005).

A persistência das atividades de caça no semi-árido, mesmo sendo uma prática ilegal, certamente tem como uma das principais motivações o consumo de animais silvestres de importância nutricional (Roubik, 1995), consideradas uma fonte de proteína fundamental para diversas populações humanas (Smith, 1976; Ayres e Ayres, 1979; Martins, 1993; Calouro, 1995; Emídio - Silva, 1998).

Outro forte fator estimulante da caça de animais silvestres em biomas brasileiros é o seu eventual potencial para atacar seres humanos, ou criações de animais domésticos. Os conflitos entre proprietários de criações caseiras e predadores provavelmente tiveram início desde que os primeiros animais foram domesticados pelos seres humanos (Nowell & Jackson 1996).

OBJETIVOS

Assim sendo, objetivou-se registrar as principais espécies de animais caçadas para alimentação e controle em uma comunidade tradicional no Agreste paraibano, bem como

descrever as principais técnicas de caça, avaliando as implicações dessas práticas para a conservação da fauna na área pesquisada. Desse modo, busca-se fornecer informações para auxiliar a formulação de propostas de conservação e desenvolvimento sustentável na caatinga.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido entre os meses de agosto e dezembro de 2008 na comunidade do Sítio Gravatá no município de Queimadas (latitude 7°21'29"S; longitude 35°53'53"W) localizado na mesorregião do agreste do Estado da Paraíba. A comunidade pesquisada é composta por cerca de 80 residências e localiza-se em uma área serrana com alguns fragmentos caducifólios e xerófilos de vegetação nativa conservada.

Primeiramente procurou-se entrevistar moradores locais que caçam os animais para alimentação ou por estes representarem perigo para eles próprios ou para suas criações domésticas. Após os primeiros contatos, os dados acerca dessas práticas foram obtidos através da aplicação de formulários semi-estruturados integrados a entrevistas livres feitas de modo individual (Albuquerque & Lucena, 2004). O formulário semi-estruturado apresentou questões englobando aspectos como dados a respeito dos animais caçados, bem como as formas de captura destes e as principais motivações da caça dessas espécies.

Para cada espécie de animal citada foi calculado seu respectivo valor de uso "VU" (Phillips *et al.*, 1994), que possibilitou demonstrar a importância ou perigo relativo da espécie conhecida localmente, independente da opinião do pesquisador. O valor de uso foi calculado através da seguinte fórmula: $VU = SU/n$, onde: VU = valor de uso da espécie; U = número de citações por espécie; n = número de informantes.

RESULTADOS

Foram entrevistadas 46 pessoas (28 mulheres e 18 homens) com idades variando de 17 a 78 anos. Os entrevistados citaram um total de 38 espécies de animais silvestres que são abatidos por controle ou para alimentação na região. As espécies citadas se enquadram em seis grupos taxonômicos (Mamíferos, Aves, Répteis, Anfíbios, Peixes, e Artrópodes). O grupo animal mais citado como caçado para alimentação foi o das aves (n=10), no caso da caça de controle o grupo de destaque foi répteis (n=10). Três espécies foram citadas em ambas categorias: Abelha - *Apis mellifera*, Teju - *Tupinambis merianae* e Timbu - *Didelphis albiventris*.

Os Valores de Uso (VU) das espécies citadas variaram entre 0,04 e 0,63. A maioria das espécies apresentou um valor de uso baixo (menor que 0,25). Entretanto, seis espécies tiveram um VU acima de 0,40, (Preá - *Cavia aperea* - VU=0,41; Barata - *Periplaneta americana* - VU=0,41; Tanajura - *Atta cephalotes* - VU=0,41; Timbu - *Didelphis albiventris* - VU=0,41; Codorna - *Coturnix coturnix* - VU=0,47 e Rolinha - *Columbina* sp. - VU=0,63) refletindo a acentuada atividade de abate desses animais na área pesquisada.

Alguns espécimes capturados para alimentação são criados durante certo tempo para engorda e posterior consumo ou comercialização das carnes e subprodutos. Os animais silvestres criados para esse intuito são o Peba - *Euphractus sexcinctus*, o Tatu - *Dasyurus novemcinctus*, a Burguesa Branca (Espécie não identificada), a Burguesa Marrom (Espécie não identificada) e o Camaleão - *Iguana iguana*.

As técnicas de caça e captura mencionadas pelos entrevistados de forma mais destacada foram a caça com espingarda, com espingarda e cachorro, o uso de armadilhas (arapuca, quixó e alçapões) e o facheado (técnica praticada a noite, que consiste no uso de facho de luz para ofuscar os animais enquanto estes são coletados, e que é geralmente aplicada a pequenas aves enquanto estas dormem). Outras técnicas de caça mencionadas pelos entrevistados foram a caça com estilingue, a técnica de espera (que consiste em aguardar o animal em pontos específicos como árvores frutíferas e mananciais de água) e o arremedo (que usa apitos para imitar o canto das aves e assim atraí-las). Todas as técnicas de caça apuradas neste trabalho foram registradas no estudo feito por Alves *et al.*, (2009) sobre as estratégias de caça usadas no semi-árido paraibano, o que sugere uma disseminação consistente desses métodos na região. Trinca & Ferrari, (2006), em trabalho acerca da caça em um assentamento rural na Amazônia mato-grossense também relatam algumas dessas técnicas de captura.

A caça de subsistência no Gravatá é direcionada em sua maior parte às aves e aos mamíferos. Estes táxons são mais valorizados, sobretudo por dois fatores: a relativa abundância desses animais em comparação com outros grupos de vertebrados na área pesquisada e seu porte médio, que implica em um maior retorno protéico a cada caçada. Trinca & Ferrari, (2006) perceberam que os caçadores da Amazônia do Estado do Mato-Grosso também relacionavam os animais abatidos à abundância local e ao porte. Na comunidade do Gravatá outro estímulo à caça de animais silvestres é sua virtual possibilidade de ataque a seres humanos ou criações de animais domésticos. A conexão com

o componente zoológico é permeada de contradições e ambiguidades, pois a fauna nativa tanto pode constituir - se em fonte de recursos quanto ser vista como possibilidade de riscos (Marque, 2001). Trinca & Ferrari, (2006), em seu estudo sobre caça no assentamento rural Japuranã, município de Nova Bandeirantes, MT, notaram que em 14,2% dos casos de abate dos animais, estes eram caçados por predarem criações, caracterizando a caça de controle, ou por serem considerados perigosos aos animais domésticos e às pessoas. Normalmente, animais carnívoros silvestres não têm o hábito de atacar criações domésticas, já que em ambientes que apresentam condições para a sua sobrevivência, esses animais evitam qualquer contato com o homem e suas criações. Entretanto, devido à diminuição de suas presas naturais em virtude da caça predatória e/ou da fragmentação do habitat, os carnívoros podem atacar espécies domésticas (Azevedo & Conforti, 2002).

A caça de controle na região pesquisada teve como principais alvos os répteis. Entre a herpetofauna citada, as serpentes são os animais mais odiados e ao mesmo tempo os que causam maior curiosidade (Vainer, 1945; Silva Junior, 1956). Conforme Puerto (2001), a aversão a estes animais deve ser tão antiga quanto a própria humanidade. No Gravatá muitas das espécies de serpentes caçadas não são peçonhentas, sendo abatidas apenas por aversão ou temor.

CONCLUSÃO

A caça no Gravatá é praticada como uma alternativa para garantir a segurança alimentar, e prioriza a captura de aves e mamíferos graças à relativa abundância local e tamanho desses animais. Outra modalidade de caça na localidade é a caça de controle que é exercida, sobretudo por aversão ou influência cultural, exercendo pressão principalmente sobre as serpentes.

Os animais são capturados por diversas estratégias de caça, as quais também registradas na literatura para outras localidades no Brasil, o que sugere uma disseminação geográfica dessas práticas. A persistência das atividades de caça, mesmo sendo uma prática ilegal, certamente está associada a questões culturais e ao fato de o consumo de animais silvestres possuir uma importância nutricional significativa, tendo em vista os baixos recursos econômicos das famílias locais e conseqüentemente a falta de condições financeiras para obter fontes de proteínas provenientes de criações domésticas. Ressalta - se também, que tais usos da fauna devem ser considerados dentro de um contexto maior de degradação ambiental, considerando outros fatores que têm provocado impacto sobre as populações naturais como perda de habitat, que direta e indiretamente tem provocado danos notórios a diversas espécies. Nesse sentido, estudos adicionais devem ser efetuados, buscando avaliar a pressão sobre as espécies mais exploradas, visto que tais práticas são comuns atualmente no Brasil e no mundo, como tem revelado diversos artigos científicos.

(Agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e a Universidade Estadual da Paraíba - UEPB pelo auxílio financeiro)

REFERÊNCIAS

1. Albuquerque, U. P. & Lucena, R. F. Métodos e técnicas para coleta de dados. 2004. In: Albuquerque, U. P. & Lucena, R. F. (Eds.) *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. NUPEEA/ Livro Rápido, Recife, p. 37 - 62.
2. Alves, R. R. N.; Mendonça, L. E. T.; Confessor, M. V. A.; Vieira, W. L. S. & Lopez, L. C. S. Hunting strategies used in the semi - arid region of northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*. 5 (12): 1 - 16, 2009.
3. Ayres, J. M.; Ayres, C. Aspectos da caça no alto Rio Aripuanã. *Acta Amazonica*. 9(2): 287 - 298, 1979.
4. Azevedo, F. C. C & Conforti, V. A. 2002. Fatores predisponentes à predação. p. 27 - 28. In: Leite - Pitman, M. R. P.; Oliveita, T. G.; Paula, R. C. & Indrusiak, C. *Manual de identificação, prevenção e controle de predação por carnívoros*. Brasília. Edições IBAMA, 83p.
5. Calouro, A. M. *Caça de subsistência: sustentabilidade e padrões de uso entre seringueiros ribeirinhos e não ribeirinhos do Estado do Acre*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, 1995.
6. Emídio - Silva, C. *A caça de subsistência praticada pelos índios Parakanã (sudeste do Pará): características e sustentabilidade*. Dissertação de Mestrado. Museu Paraense Emílio Goeldi & Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Belém, 1998.
7. IBAMA. Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção. Anexo à Instrução Normativa nº 3, de 27 de maio de 2003, do Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br>>. Acesso em: 25 de maio de 2009.
8. Leal, I. R.; Silva, J. M. C. da; Tabarelli, M.; Lacher Jr, T. Mudando o curso da conservação da biodiversidade na Caatinga do Nordeste do Brasil. *Megadiversidade*, Belo Horizonte. 1(1): 139 - 146, 2005.
9. Marques, J. G. *Pescando Pescadores: Ciência e Etnociência em uma Perspectiva Ecológica*. 2ª Ed. NUPAUB - USP, São Paulo, 2001, 108p.
10. Martins, E. S. *A caça de subsistência de extrativistas na Amazônia: sustentabilidade, biodiversidade e extinção de espécies*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, 1993.
11. MMA (Ministério do Meio Ambiente). *Status of the National Biodiversity Strategy Advances*. Meeting for identification of Issues on Biodiversity for cooperation and Interchanging among South American countries, 2003.
12. Nowell, K. & Jackson, P. 1996. Wild cats. Status Survey and Conservation Action Plan. IUCN/SSC Cat Specialist Group, Gland, Switzerland. In: Palmeira, F. B. L. & Barrella, W. Conflitos causados pela predação de rebanhos domésticos por felinos em comunidades quilombolas na Mata Atlântica. *Biota Neotropica*. 7(1): 119 - 128, 2007.
13. Phillips, O.; Gentry, A. H., Reynel, C., Wilki, P. & Gávez - Durand, C. B. Quantitative ethnobotany and Amazonian conservation. *Conservation Biology*. 8: 225 - 248, 1994.
14. Puerto, G. *Serpentes peçonhentas, classificação e identificação*. Instituto Butantan, São Paulo, 2001.
15. Roubik, D. W. Pollination of cultivated plants in the tropics. *FAO Agricultural Services Bulletin*, Smithsonian Tropical Research Institute. 118, 1995.
16. Silva Júnior, M. *O Ofidismo no Brasil*. Ministério da Saúde, Rio de Janeiro, 1956.
17. Smith, N. J. H. Utilization of game along Brazil's transamazon highway. *Acta Amazonica*. 6(4): 455 - 466, 1976.
18. Trinca, C. T. & Ferrari, S. F. Caça em assentamento rural na amazônia matogrossense. 2006. In: Jacobi, P. & Ferreira, L. C. (org.). *Diálogos em ambiente e sociedade no Brasil*. ANPPAS, Annablume, Indaiatuba, 2006, p. 155 - 167.
19. Vainer, N. *No Mundo das Serpentes*. Editora Anchieta, São Paulo, 1945.